

**O FENÔMENO DA VARIAÇÃO
DA CONCORDÂNCIA VERBAL DE 3ª PESSOA DO PLURAL
EM REDAÇÕES DE ALUNOS DE UMA TURMA DE 8º ANO
DO ENSINO FUNDAMENTAL**

Eliane Gonçalves da Silva de Azevedo (UESB)

elinana2177@yahoo.com.br

Jorge Augusto Alves da Silva (UFBA/UESB)

adavgvstvm@gmail.com

Valéria Viana Sousa (UFPB/UESB)

valeriavianasousa@gmail.com

RESUMO

Propomo-nos, no âmbito desta pesquisa, a desenvolver um trabalho de intervenção cujas estratégias contribuam para que alunos dominem as possibilidades da concordância verbal de 3ª pessoa do plural nas diversas situações comunicativas. Na presente pesquisa, que se encontra em estágio inicial, buscaremos realizar um trabalho que explore a modalidade padrão da língua – assumindo-se o desafio de ir além da prescrição da tradição gramatical como uma doutrina absolutista. Nesse sentido, o nosso estudo, além de avançar nas questões concernentes à dificuldade de concordância verbal na modalidade escrita da língua, procurará estabelecer comparação entre os nossos dados e os analisados por Barbosa (2015), Batista (2015) e Nogueira (2015). A coleta de dados será realizada pela pesquisadora responsável e se constituirá a partir da seleção de ocorrências marcadas pela ausência da concordância verbal em textos escritos, com base dissertativa, em situação normal de sala de aula, em uma turma do 8º ano do ensino fundamental de uma escola pública em Vitória da Conquista.

Palavras-chave: Concordância verbal. Ensino Fundamental.
Pesquisa-ação. Vitória da Conquista.

1. Introdução

O trabalho com a produção de textos escritos em sala de aula tem se tornado um grande desafio para os professores de língua materna e os problemas decorrentes dele consistem em preocupação constante de diversos pesquisadores.

São vários os problemas linguísticos nos níveis morfológico, sintático, semântico, discursivo e lexical detectados nas produções de textos de alunos do ensino fundamental e médio de escolas públicas e privadas brasileiras. Um desses problemas que merece destaque é a dificuldade de concordância verbal na modalidade escrita da língua.

Na escola, todo o trabalho voltado à concordância verbal é pautado na variedade culta, descrita na gramática normativa. De acordo com a regra geral que rege esse tipo de concordância (fenômeno que não ocorre apenas na língua portuguesa, bem como em outras línguas), o verbo deve concordar em número e pessoa com o sujeito. Este possui marcas de número e pessoa, que também aparecem naquele e que permitem a identificação do sintagma sujeito mesmo quando ele não está realizado foneticamente na oração.

Por outro lado, no que tange ao uso da língua, é possível perceber que nem sempre tal concordância se realiza. Isso porque os alunos transpõem a variante oral não padrão, própria do seu meio social, para as produções escritas realizadas. Essa contradição entre o que é apresentado como norma e, o que, de fato, ocorre é um fator que merece toda atenção e um estudo acurado.

Dessa forma, ainda que alguns estudos sobre a concordância verbal já tenham sido realizados, sobretudo no âmbito da modalidade oral, um trabalho voltado para esse problema relacionado a produções textuais escritas torna-se também de extrema pertinência, não apenas para se somar a outros bastante relevantes, tais como os desenvolvidos por Barbosa (2015), Batista (2015) e Nogueira (2015) – aos quais trataremos mais adiante –, mas porque há ainda muitos aspectos a serem explorados sobre a questão.

Indubitavelmente, nenhum estudo se sustenta em conjecturas, ou seja, não basta apenas levantar hipóteses sobre a questão da concordância verbal em textos escritos de alunos do ensino básico, mas, identificado o problema, criar iniciativas que possam convergir para sua superação.

2. O ensino da língua portuguesa como caráter normativo

No que diz respeito ao ensino de língua portuguesa, a gramática tem-se constituído, quase que exclusivamente, preocupação dos professores, sobretudo do ensino fundamental e médio, pois o trabalho que tem sido realizado com a mesma em sala de aula não tem alcançado o objetivo pretendido: que os alunos falem e escrevam de acordo com a norma culta padrão, configurando-se como “bicho-papão” por uma parte considerável de alunos, que, apesar de estudarem a gramática durante toda a sua vida escolar, pouco proveito tem tirado desse conhecimento.

O baixo nível de desempenho linguístico que os alunos cada vez mais têm demonstrado quanto à utilização da língua, quer seja na modalidade oral, quer na escrita, tem sido uma das deficiências que podem ser apontadas como resultantes da crise do sistema educacional brasileiro, exposta nos resultados pífios que grandíssima parte dos alunos tem apresentado nas avaliações de desempenho escolar (Prova Brasil, por exemplo) a que são submetidos com constância. Sobre essa questão, uma das queixas mais frequentes dos professores de língua portuguesa é o desinteresse dos alunos pela leitura e produção de textos escritos, o que gera dificuldades na realização de atividades escolares também em outras disciplinas, visto que o conteúdo ensinado pela escola está diretamente ligado à competência linguística dos discentes.

Essa falta de domínio gramatical gera insegurança nos alunos, estabelecendo-se como um dos principais entraves no que tange à produção textual em sala de aula, como apontado acima. No entanto, é importante destacar que escrever extrapola o codificar a fala por meio de sinais gráficos, ou seja, o fato de um texto não estar escrito gramaticalmente de forma satisfatória não significa que quem o produziu apresente dificuldades no uso da linguagem coloquial, pelo contrário, demonstra apenas que ele não domina os recursos específicos da modalidade escrita, que, como sabemos, possui normas próprias, tais como regras ortográficas, de pontuação, de concordância, de uso de tempos verbais. Por outro lado, a simples utilização dessas regras e de diversos outros recursos da norma padrão não garantirão que um texto seja bem escrito.

O grande objetivo do ensino de língua portuguesa é levar os alunos a lerem e escreverem razoavelmente bem, todavia, o estudo da gramática normativa não tem ajudado neste sentido, isto é, a forma como vem sendo trabalhada em nossas escolas não tem sido um meio apropriado para desenvolver o desempenho do aluno na leitura e na escrita. Isso se deve ao fato de a gramática ter-se resumido a um instrumento de ensino puramente normativo, de ela ter-se transformado em uma doutrina absolutista destinada exclusivamente à correção dos “erros linguísticos” dos alunos. Nesse sentido, sua ação tem sido mais que inútil, tem sido desastrosa.

O ensino do português padrão visto por este prisma é desencorajador e tem demonstrado ser ineficaz. Todavia, não se deve desconsiderar que é papel da escola propiciar ao aluno o acesso à variante culta, relacionada a um determinado grau de domínio da leitura e da escrita. Ou seja, é fundamental que fique claro que, na escola, a variedade culta da língua

deve ser ensinada. Contudo, as demais variedades devem ser respeitadas.

Nessa perspectiva, concordamos com a afirmação de Possenti (2000) de que “o objetivo da escola é ensinar o português padrão, ou, talvez mais exatamente, o de criar condições para que ele seja apreendido”. (POSSENTI, 2000, p. 17). As razões pelas quais não se aprende, ou se aprende, mas não se usa um dialeto padrão estão antes relacionadas, em grande medida, a valores sociais e um pouco com estratégias escolares discutíveis. Acrescente-se que esse padrão é, em especial, o escrito, de acordo com este autor.

Infante (1991) acredita que os alunos raramente apresentam dificuldades em se expressar através da fala coloquial. Os entraves surgem quando os discentes necessitam se expressar formalmente (de acordo com as normas da gramática tradicional), e, principalmente, ao produzirem um texto escrito, quando estes devem ter bem nítida a existência de diferenças marcantes entre o falar e o escrever.

É exatamente essa não diferenciação entre o que se fala e o que se escreve que nós, professores de língua materna, observamos constantemente nas produções textuais de nossos alunos. São constatadas dificuldades que vão dos níveis morfológico, sintático e semântico ao discursivo e lexical. Dentre esses problemas, os que com mais incidência são percebidos são os referentes à concordância verbal.

Assim sendo, esse fato foi motivador para o desenvolvimento do projeto que ora se apresenta. Nele, buscar-se-á realizar um trabalho que explore a modalidade padrão da língua – assumindo-se o desafio de ir contra o ensino da gramática normativa como uma doutrina absolutista –, e que, além de avançar nos estudos concernentes à dificuldade de concordância verbal na modalidade escrita da língua, procurará, sobretudo, criar estratégias eficazes para sua superação.

3. Metodologia

Pela natureza do presente trabalho, conduziremos seu esquadriamento e consecução ao método da pesquisa-ação, por se tratar de um modelo de investigação científica cuja aplicabilidade no campo educacional tem se mostrado bastante relevante e eficaz, segundo estudiosos da área, pois (i) traz significados importantes nos processos de ensino/aprendizagem; (ii) trabalha dialogicamente com a prática rotineira do

ensino e com a teoria; (iii) é capaz de avaliar novas metodologias e situações pedagógicas, por vezes, desconsideradas nas pesquisas tradicionais.

David Tripp (2005) considera a pesquisa-ação como uma forma de investigação-ação que utiliza técnicas de pesquisa consagradas para informar a ação que será tomada para melhorar uma prática, e acrescenta que, para que ela tenha validade científica, é importante que essas mesmas técnicas atendam aos critérios comuns aplicados em outros tipos de pesquisa acadêmica. Além disso, apesar de ela se consagrar como uma pesquisa de caráter pragmático, diferencia-se tanto da prática quanto da pesquisa científica tradicional, posto que ao mesmo tempo em que altera o que está sendo pesquisado, é limitada pelo contexto, bem como pela ética da prática.

Para descrever a pesquisa-ação, Tripp (2005) elenca características peculiares ao método, tratando-o como uma investigação inovadora, contínua, proativa estrategicamente, participativa, intervencionista, problematizada, deliberada, documentada, compreendida, disseminada.

Na área da educação, autores como Miranda & Resende (2006) não apenas defendem sua aplicação, como também enfatizam a importância da sua utilização, por entenderem que a pesquisa-ação é um veio privilegiado e muito útil para que seja travada uma discussão sobre um dos maiores impasses enfrentados pelos professores: a relação entre a teoria e a prática. De acordo com as autoras, ela é uma espécie de pesquisa que articula a relação teoria/prática, fazendo da investigação uma ação que possibilita ao pesquisador uma atuação efetiva sobre a realidade estudada. De certa maneira, esse tipo de pesquisa trabalha com polos antes contrapostos e considera a intervenção social na prática como seu princípio e fim último. Para as pesquisadoras, finalmente, é benéfico adotar a pesquisa-ação como uma das possibilidades de intervenção na realidade, pois as pesquisas científicas tradicionais não conseguem fazê-lo, principalmente pelo fato de não aceitarem uma realidade subjetiva, construída e sustentada por meio dos significados dos atos individuais.

3.1. Elementos da pesquisa

Os dados que constituirão o *corpus* da pesquisa correspondem a produções textuais escritas de uma turma do 8º ano do ensino fundamental de uma escola pertencente à rede pública estadual de ensino. A coleta de dados será realizada pela pesquisadora responsável, professora da

turma, em situação normal de sala de aula. Será constituída da seleção de 35 produções textuais escritas, com base dissertativa, visando a ocorrências marcadas pela ausência da concordância verbal.

As amostras serão produzidas no Colégio Estadual Polivalente de Vitória da Conquista, município situado no Sudoeste baiano. A unidade escolar está localizada na Avenida Guanambi, s/n, no Bairro Brasil (zona periférica da cidade).

4. Sínteses das pesquisas das autoras

Teremos como objetivo, no estudo em questão, estabelecer comparação entre os dados a serem analisados na pesquisa e aspectos conceituais de dados das investigações científicas realizadas por Barbosa (2015), Batista (2015) e Nogueira (2015). Isso por acreditarmos que essas pesquisas serão de extrema valia para o desenvolvimento do nosso trabalho. A seguir, um esboço do trabalho das três autoras.

Em seu estudo intitulado *Uma Relação de Intimidade ou Um Fosso Profundo Entre Sujeito e Verbo: Estudo da Concordância Verbal de 3ª Pessoa do Plural no 9º Ano*, Barbosa (2015) objetivou analisar os índices de aplicação das regras de concordância de 3ª pessoa do plural nos textos escritos dos alunos do 9º ano do ensino fundamental da Escola Municipal Francisco Antônio de Vasconcelos, localizada na comunidade quilombola de Cabeceira, zona rural de Vitória da Conquista – Bahia, cujo corpo discente é composto por moradores da localidade e de comunidades vizinhas não quilombolas.

Foram selecionados, aleatoriamente, 20 (vinte) textos, observando na escolha apenas o critério de 10 (dez) textos de discentes do sexo masculino e 10 (dez) textos de discentes do sexo feminino, com idade entre 14 e 17 anos. A pesquisadora selecionou um número idêntico de alunos de cada sexo por entender a importância e a necessidade de quantificar os textos analisados na mesma proporção (masculino e feminino) para que pudesse mensurar o uso da concordância verbal na variante sexo. As ocorrências analisadas totalizaram 402 e o programa utilizado foi o *Goldvarb 2001*.

Para a realização deste trabalho, de natureza sociolinguística, ela se apoiou, sobretudo, na tradição gramatical em: Cegalla (2005); Cunha e Cintra (2008); e na teoria da tradição linguística em: Silva (2003 e 2005); Bagno (2003 e 2011); Hora (2004); Franchi (2006); Perini (2007); Fara-

co (2008); Neves (2011 e 2013); Castilho (2012); Martelotta (2013); Vieira e Brandão (2013).

As conclusões a que chegou a autora foram as seguintes:

- (1) Do ponto de vista das variáveis linguísticas, a pesquisa mostrou que há uma tendência para a aplicação da regra de concordância entre o sujeito e o verbo quando aquele é não-realizado, quando o sujeito está anteposto ao verbo e quando o sujeito é retomado por uma oração relativa ou pelo pronome relativo *que*. Os dois fatores que mais desfavorecem a aplicação da regra de concordância são o sujeito posposto com sintagma preposicionado, seguido do sujeito posposto, o que o utente interpreta como um sujeito que não é o agente da ação verbal. A tabela abaixo exemplifica essas conclusões:

Realização e posição do sujeito	Ocorrências	Frequência	Peso Relativo
Sujeito anteposto	184/238	77,3%	,51
Sujeito não-realizado	81/105	77,1%	,52
Sujeito anteposto com interveniente	13/18	72,2%	,48
Sujeito retomado por um relativo/relativa	16/23	69,6%	,51
Sujeito posposto	6/16	37,5%	,18
Sujeito anteposto com SPrep	½	50%	,16
Total das ocorrências	301/402	74,9%	

Input: 0.761

Significância: 0.008

TABELA 03 – Aplicação da regra de concordância verbal segundo a variável realização e posição do sujeito

- (2) A concordância nominal do sujeito é paralela à aquisição da marca de plural nos verbos por influência mútua. O que levou a pesquisadora a crer que não havendo concordância nominal no sujeito, a concordância verbal não é estimulada. Assim também acontece com a indicação do plural no sintagma nominal sujeito, o que, segundo ela, é bastante relevante, pois ao deixar de aplicar a regra de concordância de número no sintagma nominal sujeito, o utente o faz também com o verbo, o que se comprova a partir da tabela abaixo:

TABELA 01
Aplicação da Regra de Concordância segundo a variável Concordância Nominal no Sujeito

Concordância nominal no sujeito	Ocorrências	Frequência	Peso Relativo
Com concordância nominal	75/112	67%	,54
Sem concordância nominal	3/6	50%	,03
Total de ocorrências	78/118	66,1%	
Input: 0.749		Significância: 0.005	

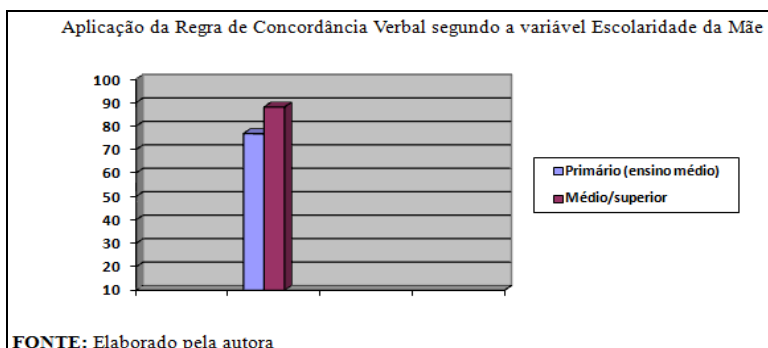
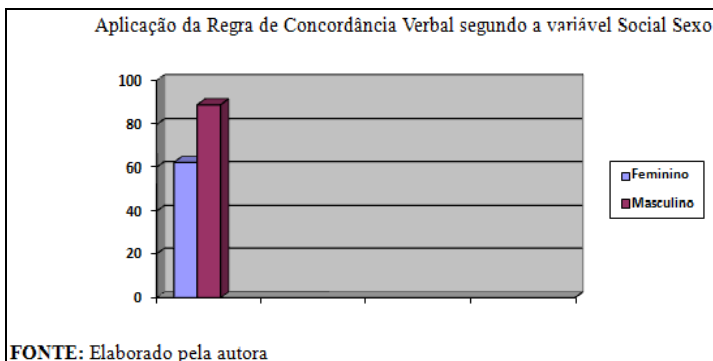
- (3) A saliência fônica se mostrou também produtiva no favorecimento da aplicação das regras de concordância, apontando que a ditongação e/ou mudança na qualidade amalgamada ao acréscimo de segmento com supressão da semivogal do singular ou mudança de tonicidade é o fator que mais favorece a aplicação das regras de concordância, seguida da nasalização, sem envolver qualidade, e do acréscimo do segmento plural.

A tabela abaixo mostra isso:

Aplicação da Regra de Concordância Verbal segundo a variável Saliência Fônica

Saliência Fônica	Ocorrências	Frequência	Peso Relativo
Nível 1 (bebe/bebem)	13/16	81,2%	,55
Nível 2 (fala/falam)	107/155	69%	,43
Nível 3 (faz/fazem)	7/9	77,8%	,50
Nível 4 (tá/tão; vai/vão; bateu/bateram; viu/viram; foi/foram; disse/disseram)	165/207	79,7%	,56
Nível 5 (veio/vieram; é/são)	9/15	60%	,31
Total de ocorrências	301/402	74,9%	
Input: 0.749		Significância: 0,000	

- (4) Ao serem investigadas as variáveis extralinguísticas, a pesquisadora verificou que o gênero/sexo dos informantes e a escolaridade da mãe são fortes influenciadores para a realização da concordância verbal. Observemos os gráficos a seguir, cujos dados corroboram as conclusões deste ponto.



Para desenvolver a dissertação “Os laços da concordância verbal” – baseada na sociolinguística variacionista –, Batista (2015), por sua vez, amparou-se em Faraco (2008), Franchi (2006), Hora (2004), Labov (1972), Lucchesi (2004), Neves (2000; 2013), Silva (2003; 2005), Scherre (2005), Vieira (2013), Cunha e Cintra (1985), entre outros, com o propósito de analisar o uso da concordância verbal em terceira pessoa do plural nos textos de alunos do 9º ano do Colégio da Polícia Militar – CPM Eraldo Tinoco, na cidade de Vitória da Conquista – BA.

Nas três primeiras seções, a estudiosa, inicialmente, analisa termos como língua, gramática, normas e variação, a fim de situar o leitor acerca das escolhas que guiarão a pesquisa. Em seguida, discorre sobre o fenômeno da concordância verbal, estabelecendo um diálogo entre a tradição gramatical e a tradição linguística e, dando continuidade, apresenta, na metodologia, como foi realizado o estudo, informando a quantidade

de informantes, o local da pesquisa e os tipos de atividades desenvolvidas.

Assim como Batista (2015), a pesquisadora também selecionou 20 informantes: 10 do sexo masculino e 10 do sexo feminino. O programa utilizado também coincidiu – *Goldvarb 2001*. O total de ocorrências foi de 406.

De acordo com Barbosa (2015), a análise dos dados se mostrou significativa para a aplicação da concordância entre o verbo e o sujeito, quando este está imediatamente anteposto ao verbo, enquanto que, a posição do sujeito na análise desfavoreceu a aplicação da regra; os discentes demonstraram uma boa aplicabilidade da concordância verbal nas situações de posposição do sujeito nos exemplos que foram utilizados; apenas 40% dos discentes não conseguiram fazer a retomada do sujeito pelo pronome relativo, conforme tabela abaixo:

Realização e Posição do Sujeito	Realização /Ocorrência	Frequência %
Sujeito imediatamente anteposto ao verbo “Zezé de Camargo e Luciano são exemplos de humildade e esperança.” (A.F.N.).	197/210	93.8%
Sujeito não realizado “...fizeram vários shows.”	147/156	94.2
Sujeito imediatamente posposto “Berraram Fred e Márcio ao mesmo tempo.” (A.S.B.).	11/13	84.6
Sujeito anteposto ao verbo com uma relativa “... eles produziram música que não fizeram sucesso.” (M.O.S.).	23/27	85.2
Total das ocorrências	378/406	93.1

Tabela 10 - Realização e posição do sujeito na concordância verbal

A partir dos resultados da análise dos dados, a estudiosa concluiu também que os discentes identificaram significativamente o núcleo do sujeito, mas apresentaram dificuldades em fazer a transposição do sujeito quando ele estava constituído de vários elementos intervenientes. Além disso, foi detectado que os textos em que há um nível maior de monitoramento estão mais propensos à realização da concordância verbal em P6.

Com relação à condição socioeconômica das famílias, a partir dos dados analisados, Barbosa (2015) constatou que a classe social não é obstáculo para a realização da concordância verbal, pois alunos de classe baixa alcançaram índices excelentes de aplicação da concordância, conforme tabela 09:

Condição socioeconômica das famílias	Ocorrência / Total	Percentual	Peso relativo
Classe Alta (A)	71/73	97.3%	.67
Classe Média (M)	211/235	89.8%	.34
Classe Baixa (B)	96/98	98%	.73
Total	378/406	93.1%	

Input: 0.944

Significância: 0.007

Tabela 09 - A utilização da concordância verbal de acordo com a condição socioeconômica das famílias

No estudo *Variação linguística em Palmas de Monte Alto: análise da concordância verbal na escrita de estudantes do ensino fundamental*, Nogueira (2015) investigou a variação da concordância verbal de terceira pessoa do plural, em textos de alunos do 6º e do 7º ano do ensino fundamental, com faixa etária entre 11 e 18 anos de idade, do Colégio Municipal Eliza Teixeira de Moura, localizado na cidade de Palmas de Monte Alto – BA. Foram analisadas 621 ocorrências, produzidas por 20 informantes: 10 alunos residentes no campo e 10 alunos residentes na zona urbana.

No estudo, a autora objetivou identificar os fatores linguísticos e sociais que motivaram a ocorrência desse fenômeno e desenvolver, a partir da descrição realizada, uma proposta de intervenção didática que contribuísse para o ensino de língua portuguesa. A metodologia desenvolvida foi a da análise quantitativa da pesquisa sociolinguística variacionista, com base em Labov (2008) e também, a análise qualitativa. Para tanto, ancorou-se teoricamente, sobretudo em Monte (2012), Silva (2003 e 2005), Molica (2003 e 2011).

Do ponto de vista linguístico, elegeu as variáveis realização e posição do sujeito, concordância nominal no sujeito, indicação do plural no sintagma nominal sujeito, caracterização semântica do sujeito, tipos de verbo, saliência fônica e forma do último constituinte do sintagma nominal sujeito que está antes do verbo e, do ponto de vista extralinguístico, as variáveis diazonalidade, sexo, renda familiar, acesso à *Web*, acesso à leitura e monitoração discursiva.

Com base na análise dos dados apresentados nas tabelas e gráficos a seguir, a pesquisadora chegou a essas conclusões:

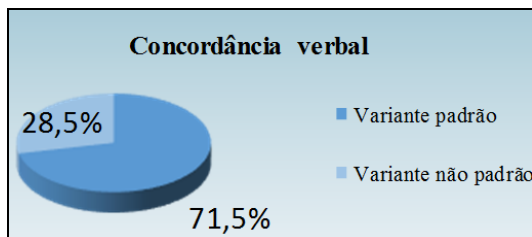
- (1) A ausência da marca de plural (ou marca zero) no português brasileiro é um reflexo do processo de transmissão linguística irregular aos nativos, que remonta do período colonial no Brasil, a qual está intimamente ligada ao meio rural, pois foram as popu-

lações rurais isoladas que mais sofreram erosão na flexão verbal de número, devido ao grau de isolamento desses falantes, processo que se estende também aos bairros mais afastados da cidade, por serem esses bairros, geralmente, formados por moradores de origem rural.

- (2) Embora a marca zero seja mais utilizada pelos falantes rurais, a pesquisadora acredita que, futuramente, esses falantes possam adquirir a norma culta, na direção de uma estratificação social mais ampla, pois se verifica uma tendência para a aquisição das marcas de plural nos verbos.
- (3) Não obstante a escolaridade seja um dos fatores que mais motiva a aplicação da marca explícita de plural nos verbos, conforme os resultados das pesquisas sociolinguísticas anteriormente citadas, o fator renda familiar se sobrepõe ao fator escolaridade.

	Ocorrências/Total	Frequência
PADRÃO	444 / 621	71,5 %
NÃO PADRÃO	177 / 621	28,5 %

**Tabela 1 – Distribuição geral dos resultados na amostra analisada
Perfil da variação da CV de P6 na escrita dos alunos**



**Gráfico 1 – Variação da CV de P6 na amostra analisada
Variáveis extralinguísticas (sociais)**

Diazonalidade

Fatores	Ocorrências	Percentual	Peso relativo
Urbano	290/360	80,6%	,59
Rural	154/261	59,0%	,36
Total	444/621	71.5%	

Tabela 2 – Aplicação da marca de plural em função da diazonalidade

Monitoração discursiva

Fatores	Ocorrências	Percentual	Peso relativo
Atividade [- monitorada]	315/457	68,9%	,44
Atividade [+ monitorada]	129/164	78,7%	,65
Total	444/621	71,5%	

Tabela 3 – Aplicação da marca de plural em função da monitoração discursiva

Renda familiar

Fatores	Ocorrências	Percentual	Peso relativo
Renda média	109/115	94,8%	,86
Renda baixa	335/506	66,2%	,39
Total	444/621	71,5%	

Tabela 4 – Aplicação da marca de plural em função da renda familiar

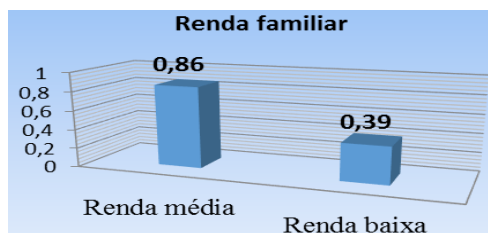


Gráfico 2 - Índice de concordância na variável renda familiar
Influência da renda familiar na variação da CV de P6

Acesso à leitura

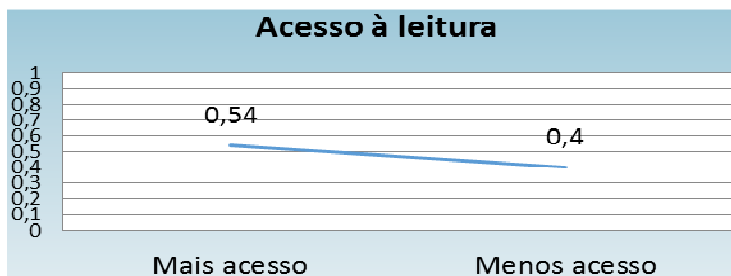
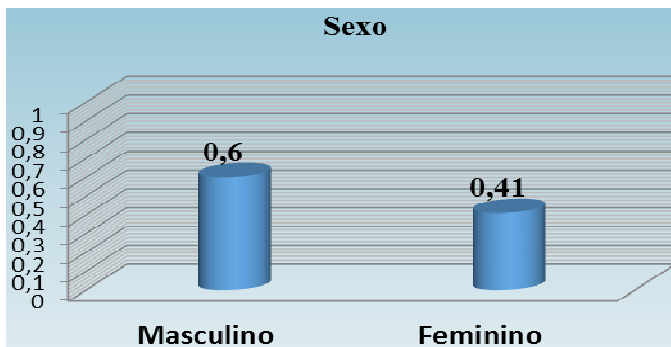


Gráfico 3 - Índice de concordância na variável acesso à leitura
Influência do acesso à leitura na variação da CV de P6

Sexo



**Gráfico 4 - Índice de concordância na variável acesso à leitura
Influência do fator sexo na variação da CV de P6**

5. Considerações finais

Conforme se pôde observar, o texto apresentado trata de um esboço do que virá a ser a pesquisa *O fenômeno da variação da concordância verbal de 3ª pessoa do plural em redações de alunos de uma turma de 8º ano do ensino fundamental*. Como o estudo se encontra em estágio embrionário, desenvolveremos, futuramente, uma fundamentação teórica e uma análise de dados mais consistentes.

No entanto, apesar da exposição de reflexões iniciais de uma pesquisa em andamento, procuramos aqui mostrar não apenas o nosso interesse na temática da concordância verbal, mas, sobretudo, deixar claro que a nossa pesquisa parte da descrição e não da prescrição como visto tradição gramatical. Nesse sentido, o nosso estudo, além de avançar nas questões concernentes à dificuldade de concordância verbal na modalidade escrita da língua, procurará estabelecer comparação entre os nossos dados e os analisados por Barbosa (2015), Batista (2015) e Nogueira (2015), por acreditarmos que tal proposta poderá fornecer suportes teóricos para que se compreendam melhor os fenômenos que dizem respeito à tal variação.

E, somente a partir dessa percepção inicial sobre a realidade apresentada pelas autoras com relação ao fenômeno em estudo no espaço escolar, traremos uma proposta de intervenção pedagógica (um dos critérios do Programa de Mestrado Profissional em Letras – PROFLETRAS),

plano de ação que contribuirá para que os alunos de uma turma do 8º ano do ensino fundamental dominem as possibilidades de concordância verbal nas diversas situações concretas de comunicação.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS

BARBOSA, E. A. *Uma relação de intimidade ou um fosso profundo entre sujeito e verbo: estudo da concordância verbal de 3ª pessoa do plural no 9º ano*. 2015. Dissertação (de Mestrado). – Programa de Mestrado Profissional em Letras – ProfLetras, UESB, Vitória da Conquista.

BATISTA, R. da G. A. M. *Os laços da concordância verbal*. 2015. Dissertação (de Mestrado). – Programa de Mestrado Profissional em Letras – ProfLetras, UESB, Vitória da Conquista.

MIRANDA, M. G. de; RESENDE, A. C. A. Sobre a pesquisa-ação na educação e as armadilhas do praticismo. *Revista Brasileira de Educação*, vol. 11, p. 511-518, set./dez. 2006. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/rbedu/v11n33/a11v11133.pdf>>.

NOGUEIRA, M. Z. A. *Variação linguística em Palmas de Monte Alto: análise da concordância verbal na escrita de estudantes do ensino fundamental*. 2015. Dissertação (de Mestrado). – Programa de Mestrado Profissional em Letras – ProfLetras, UESB, Vitória da Conquista.

POSSENTI, S. *Por que (não) ensinar gramática na escola*. São Paulo: ALP, 2000.

TRIPP, D. Pesquisa-ação: uma introdução metodológica. *Educação e Pesquisa*, São Paulo, vol. 31, n. 3, p. 443-466, set./dez. 2005. Trad.: Lólio Lourenço de Oliveira. Disponível em: <<http://www.scielo.br/pdf/ep/v31n3/a09v31n3.pdf>>.